

Exposição itinerante “Afinal, o que é Arqueologia?”: Experimentando a inclusão social

*Gerson Machado**

*Flávia Cristina Antunes de Souza***

Resumo

Este artigo apresenta reflexões acerca da inclusão social dos portadores de necessidades especiais no espaço museal. Privilegiam-se as experiências advindas do processo de criação, itinerância, adequação e ampliação da exposição itinerante “Afinal, o que é Arqueologia?”, do Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville/SC. As observações indicam que uma ação de inclusão não pode ser pensada isoladamente e, portanto, desafia-se a sociedade como um todo a tratar da questão de forma efetiva, tomando a problemática da inclusão um princípio básico para todas as suas ações.

Palavras-chave: museu, inclusão social, exposição, arqueologia.

Ao discutirmos as experiências relativas ao processo de inclusão social num espaço expositivo museal, precisamos demonstrar o nosso entendimento acerca desse conceito. Portanto, inclusão social é um processo bilateral que equaciona, de um lado, ações adaptativas que surgem no seio de uma sociedade excludente, com a finalidade de incluir em seus diversos segmentos, pessoas com necessidades especiais. Por outro lado, estas, de forma simultânea, preparam-se para o uso pleno de tais adaptações. Nesse sentido, a sociedade deve ter o entendimento de que é dela a responsabilidade de suprir as necessidades de seus membros (SASSAKI, 1997).

O movimento de inclusão social começou nos anos 80 e tomou impulso na década de 90, baseando-se nos seguintes princípios:

- Celebração das diferenças,
- Direito de pertencer,
- Valorização da diversidade humana,
- Solidariedade humanitária,
- Igual importância das minorias,
- Cidadania com qualidade de vida (SASSAKI, 1997, p. 17).

Dessa forma, a história do Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville¹ evidencia posicionamentos em favor da diversidade sociocultural, cidadania e inclusão social (MASJ, 1997). Em consonância com esses princípios é que se iniciou em 1998 um processo de criação de uma exposição itinerante, que tinha por intenção discutir aspectos relativos à arqueologia e à preservação, a partir de linguagens que permitissem o acesso dos mais diversos público². Diante disso, submeteu-se o projeto dessa exposição à Lei Estadual de Incentivo à Cultura de Santa Catarina, o qual foi contemplado com uma verba que possibilitou a montagem da mesma.

O projeto tinha por objetivo facilitar a aproximação do público às práticas da arqueologia e à compreensão da importância do

patrimônio arqueológico. Para tanto, deveria apresentar ludicamente reflexões acerca dos conceitos, metodologias, teorias e técnicas referentes à arqueologia, proporcionando uma experiência lúdico-afetiva-sensorial, a partir de vários recursos da museologia. Também, pretendia estimular o conhecimento crítico sobre os diferentes processos da ocupação humana, a partir da discussão da importância da preservação do patrimônio material e imaterial. E, finalmente, adequar a exposição aos portadores de deficiências visual e motora.

Considerando os recursos solicitados e disponíveis, para esse primeiro momento de criação da exposição, a questão da adequação foi subdimensionada. Entretanto, alguns elementos implantados garantiram um acesso qualitativo à mesma. Entre esses destacamos: a possibilidade do manuseio de artefatos pelo público visitante: a ambientação proporcionada pelo uso de tecidos que delimitam de forma flexível e suave o espaço museográfico: os módulos expositores cilíndricos que facilitam o deslocamento do público e os jogos que proporcionam a interação, de forma lúdica e inclusiva, ao estimular a construção de conceitos relativos à Arqueologia e à preservação. É preciso ressaltar que essa exposição denomina-se “Afinal, o que é Arqueologia?”. A provocação está em não oferecer uma resposta pronta ao público visitante, o qual, a partir dos elementos disponibilizados na exposição, poderá construir a sua própria resposta à questão. Em certo sentido, essa proposta museológica equipara o espaço ao público portador de deficiência e ao não-portador, possibilitando o uso compartilhado, não sendo necessário criar estruturas específicas para cada tipo de público.



FIGURA 1 – Vista parcial da Exposição - entrada
Autor: Adriana M.P. Santos

Em que pesem todos os componentes acima mencionados, temos clareza de que outras medidas poderiam garantir uma maior acessibilidade à exposição. Dizemos isso, baseados em experiências advindas das itinerâncias e das avaliações de atendimentos com o público portador de deficiência³. Destacamos duas experiências: a primeira realizada com portadores de cegueira e de visão subnormal⁴, os quais avaliaram positivamente a eficiência da acessibilidade proposta pela exposição. Contudo, em termos de acessibilidade e deslocamento sugeriram o uso de guias para a auto-orientação. Da mesma forma, a ausência de textos em braille também foi notada, sugerido-se a sua incorporação.

O segundo grupo, composto, em sua maioria, por portadores de Síndrome de Down⁵, demonstrou o quanto o espaço museal pode representar um desafio e o quanto precisamos estar preparados para mediar uma relação entre esse público e o patrimônio. Em especial, houve uma resistência em relação ao percurso inicial da exposição, composto por um túnel de tecido. Assim, o mesmo foi evitado, cabendo aos educadores estabelecer estratégias, baseadas

principalmente na afetividade, para estimular os educandos a explorarem a espaço museal em toda sua extensão.

Essas duas experiências provocaram uma inquietação nos profissionais do MASJ no sentido de ampliar e adequar ainda mais os recursos disponíveis nessa e em outras exposições do museu, a fim de garantir um acesso cada vez mais abrangente aos diversos públicos.



FIGURA 2– Aspecto do túnel de entrada
Autor: Gerson Machado



FIGURA 3 – Portador de Visão sub-normal interagindo com os jogos
Autor: Gerson Machado



FIGURA 4 – Atendimento aos portadores de síndrome de Down
Autor: ADESD

Partindo das avaliações para outras ações

As inquietações mencionadas acima geraram a necessidade de se completar a experiência nessa exposição. Essa reflexão levou ao desenvolvimento de um projeto complementar de “Adequação e ampliação da exposição itinerante. Afinal, o que é Arqueologia?”. O mesmo foi encaminhado ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq⁶, e foi contemplado com um financiamento parcial que possibilitará o atendimento qualificado do público pelo sistema expositivo museológico do MASJ.

Tendo em vista as limitações que um museu municipal de pequeno porte enfrenta, no sentido da formação continuada do

corpo funcional, o projeto prevê uma etapa de troca de experiências com instituições museológicas ou que tratem da temática da acessibilidade, no Brasil. Dessa forma, foram previstas algumas visitas técnicas, (cerca de 9 já foram realizados), contemplando experiências no Rio de Janeiro/RJ⁷, Belém/PA⁸ e São Paulo/SP⁹.

As visitas técnicas realizadas serviram para confirmar que experiências museológicas que contemplem questões relativas à acessibilidade ainda são muito vagas e incipientes, salvo raras exceções. As instituições culturais, em sua grande maioria, ainda não se encontram adaptadas a fim de atender a diversidade de público que compõem a sociedade. Entre as exceções citadas podemos destacar o trabalho realizado pela professora Amanda Tojal, na Pinacoteca do Estado de São Paulo. Neste local, os deficientes encontram estrutura e atendimento educativo adequado que permitem a interação desse público com aquele patrimônio musealizado. Em termos estruturais, destacamos a instalação de rampas de acesso, elevadores, etiquetas em braile e a disponibilização de algumas peças do acervo de esculturas para o toque, além de um trabalho de interação dos deficientes visuais com obras do acervo iconográfico da instituição. Além disso, foi produzido um catálogo em tinta e braile com informações acerca do acervo, do prédio da Pinacoteca entre outras (PINACOTECA, s.d.).

Ainda, com vistas a contribuir com a formação do corpo técnico da instituição, estão previstas outras ações: aquisição de equipamentos de informática, bibliografia especializada e a realização de seminários internos para a discussão da temática.

A adequação da exposição possui duas vertentes. A primeira refere-se ao uso adequado desta pelos portadores de necessidades especiais. A outra visa garantir a integridade física dos equipamentos e artefatos que a compõe.

No primeiro caso, será necessária a conversão dos textos para a linguagem braile, os quais serão impressos, preferencialmente, no mesmo suporte de apresentação da exposição. O texto em braile apresentará dicas aos usuários portadores de necessidades especiais a fim de permitir, inclusive, a sua auto-orientação no espaço

museográfico. Nesse sentido, serão instalados no piso da exposição adesivos com a superfície áspera e/ou cordas que servirão como guias, facilitando a auto-orientação para os cegos. Pretende-se disponibilizar, também, lentes de aumento para os portadores de visão sub-normal, rampas de acesso e o registro da opinião do público com suporte de linguagem que não seja o escrito.

Os artefatos que foram selecionados para compor a exposição e os jogos que foram desenvolvidos especialmente para ela são peças bastante frágeis, que merecem ser transportadas em embalagens especiais. As embalagens individuais já foram desenvolvidas, contudo, as caixas maiores, nas quais são reunidas todo esse material, são bastante precárias, colocando em risco a integridade física dos mesmos. Disso decorre a necessidade de se adquirir os baús (cases) que serão confeccionados especialmente para as finalidades de conservação e transporte.

Tendo em vista essa preocupação, o mobiliário da exposição requer, também, cuidados especiais, que devem ser considerados quando do transporte. Para isso serão desenvolvidas embalagens que visam a proteção, facilitando o deslocamento.

Ainda em relação à adequação da exposição, é preciso ressaltar que as cores utilizadas na sua versão primeira não correspondem aos padrões exigidos pelos portadores de necessidades visuais, uma vez que não são contrastantes. Dessa forma, nosso desafio consiste em aliar o aspecto funcional do contraste ao aspecto estético da mesma.

A ampliação pressupõe o estudo e a aquisição de material de apoio que dinamizará a exposição como um todo e, mais especificamente, o módulo V, correspondente à parte dos jogos e exercícios. Os equipamentos previstos são: um computador com kit multimídia, uma câmara fotográfica e um gravador. Esse computador, com softwares educativos, estará a disposição do público visitante¹⁰.

Um outro recurso a ser implementado é a simulação de uma escavação arqueológica. Para este fim, será disposta uma estrutura para escavação, em um box. Através desse recurso, poderão ser

discutidos, entre outros aspectos, algumas técnicas de pesquisa, bem como necessidade de se preservar o patrimônio.

Estão previstas duas itinerâncias durante a realização deste projeto que servirão, sobretudo, para avaliarmos se a ampliação e a adequação propostas realmente foram eficientes. Os espaços a serem percorridos pela exposição serão selecionados considerando a proximidade com os sítios arqueológicos, objetos da ação preservacionista do museu, bem como a possibilidade de interação com um público diversificado. Nesse sentido, tratativas já foram feitas com escolas e associações de moradores de alguns bairros do município, que participam das ações preservacionistas do MASJ.

Reflexões Finais

É impossível pensar em patrimônio sem levar em consideração as possibilidades de tratamento que seus diversos segmentos necessitam para serem transformados em herança cultural.
(BRUNO, 1991, p. 32)

Considerando a demanda por ações inclusivas na sociedade, e ao mesmo tempo a falta de informação do público portador de deficiências em relação aos serviços que lhe são oferecidos, é que se coloca o desafio maior do projeto em questão, qual seja, o de informar e formar esse público acerca das possibilidades que um espaço museal pode garantir em relação à melhoria de sua qualidade de vida, independentemente de suas diferenças.

Diante disso, ações como as que estão sendo propostas pelo projeto podem cair num vazio se não forem adequadamente divulgadas. Assim, é necessário o estabelecimento de estratégias que congreguem diversas instituições e a sociedade como um todo, no sentido de se ampliar a discussão. É importante afirmarmos isso, pois entendemos que o museu não é uma instituição isolada. De nada adianta estarmos preparados para o atendimento qualificado desse público se o restante da estrutura urbana não estiver em consonância com estes princípios. Com o intuito de ampliarmos a discussão, apostamos nas itinerâncias, na divulgação através dos

meios de comunicação e nas reuniões com associações que tratam da causa da inclusão, bem como, na disponibilização, por parte do MASJ, de materiais para consulta pública acerca da temática.

Entretanto, enquanto uma ação mais global não se concretiza, o MASJ aposta na sua função social como uma instituição problematizadora da realidade em que está inserido, visto que ele mesmo precisa incorporar em outros projetos expositivos e em todas as ações de comunicação os princípios da inclusão social.

Notas

* Gerson Machado é mestre em história pela UFPR, professor colaborador na UNIVILLE e IELUSC e educador do MASJ.

** Flávia Cristina Antunes de Souza é graduada em história e educadora do MASJ.

¹ Doravante ao nos referirmos a esta instituição utilizaremos a sigla MASJ.

² Esse entendimento advém, em parte, das orientações decorrentes das reuniões do Conselho Técnico e Científico do MASJ, nos anos de 1997 e 1998.

³ Até o momento foram realizadas 08 itinerâncias atingindo um público de 9,026 pessoas.

⁴ Esse grupo faz parte da Associação Joinvilense para Integração dos Deficientes Visuais - AJIDEVI.

⁵ Esse grupo faz parte da Associação dos Deficientes Educáveis e Síndrome de Down - ADESD, de Joinville/SC.

⁶ EDITAL MCT/SECIS/CNPq N° 07/ 2003

⁷ Na cidade do Rio de Janeiro visitamos o Instituto Benjamim Constant, o Museu da Vida da Fundação Oswaldo Cruz e o Museu Nacional/UFRJ.

⁸ Em Belém/PA visitamos o Museu Paraense Emílio Goeldi, o Museu de Arte de Belém e o Projeto *Monumenta* IPHAN.

⁹ Em São Paulo conhecemos as experiências desenvolvidas pela Pinacoteca do Estado de São Paulo e os trabalhos da Fundação Dorina Nowill para Deficientes Visuais.

¹⁰ A implantação dos softwares educativos será precedida de uma seleção que terá como critérios: a adequação do conteúdo às temáticas da exposição (Arqueologia, Preservação e Educação Patrimonial e áreas afins) e as facilidades de interface com o usuário.

Referências Bibliográficas

BRUNO, Maria Cristina de Oliveira. O MASJ e o futuro da museologia. **Boletim MASJ**. n.4, ano II, nov. 1991, p. 32-38.

MASJ. **Relatório 1972/1997**. Joinville: Documento interno, 1997.

PINACOTECA DO ESTADO DE SÃO PAULO. **Catálogo programa educativo públicos especiais**. São Paulo: do autor, s.d.

SASSAKI, Romeu Kazumi. **Inclusão**: construindo uma sociedade para todos. Rio de Janeiro: WVA, 1997.

TOJAL, Amanda Pinto da Fonseca. **Museu de arte e público especial**. São Paulo: Dissertação (Mestrado)/ECA-USP, 1999.

Abstract

This article presents reflections about the social inclusion of handicapped public in the museum space. Particular attention is given to the processes of creation, itinerancy, adequacy and expansion of the itinerant exhibition “What is Archeology?”, by Museu do Arqueológico do Sambaqui, of Joinville, Santa Catarina. There are indications that an inclusion program can not be planed disconnected from the social environment. Therefore, the whole society is defied to consider this subject in an effective form, by reckoning the problem of inclusion as a basic principle, important to all their actions.

Keywords: Museum; Social inclusion; exhibition; archeology